

PREFÁCIO E AGRADECIMENTOS

Este livro começou, há quase quinze anos, como um estudo da crise econômica mundial da década de 1970. Essa crise foi considerada como o terceiro e último momento de um único processo histórico, definido pela ascensão, plena expansão e derrocada do sistema norte-americano de acumulação de capital em escala mundial. Os outros dois momentos foram a Grande Depressão de 1873-96 e a crise de trinta anos de 1914-45. Esses três momentos, tomados em conjunto, definiram o “longo século XX” como uma era ou estágio particular do desenvolvimento da economia capitalista mundial.

Em minha concepção original, o longo século XX constituía o único tema do livro. Desde o começo eu sabia que a ascensão do sistema norte-americano só poderia ser entendida estabelecendo-se sua relação com a derrocada do sistema britânico. Mas não senti necessidade ou desejo de fazer a análise recuar aquém da segunda metade do século XIX.

Ao longo dos anos, mudei de idéia e o livro se transformou num estudo do que se denominou de “os dois grandes processos interdependentes da era [moderna]: a criação de um sistema de Estados nacionais e a formação de um sistema capitalista mundial” (Tilly, 1984, p. 147). Essa mudança foi instigada pela própria evolução da crise econômica internacional na década de 1980. Com o advento da era Reagan, a “financeirização” do capital, que fora um dos vários aspectos da crise econômica mundial da década de 1970, tornou-se o traço absolutamente predominante da crise. Tal como acontecera oitenta anos antes, no curso da derrocada do sistema britânico, os observadores e estudiosos começaram a anunciar mais uma vez que o “capital financeiro” era o último e mais avançado estágio do capitalismo mundial.

Foi nesse clima intelectual que descobri, no segundo e terceiro volumes da trilogia de Fernand Braudel, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*, o esquema interpretativo que se converteu na base deste livro. Nesse esquema, o capital financeiro não é uma etapa especial do capitalismo mundial, muito menos seu estágio mais recente e avançado. Ao contrário, é um fenômeno recorrente, que marcou a era capitalista desde os primórdios, na Europa do fim da Idade Média e início da era moderna. Ao longo de toda a era capitalista, as expansões

financeiras assinalaram a transição de um regime de acumulação em escala mundial para outro. Elas são aspectos integrantes da destruição recorrente de “antigos” regimes e da criação simultânea de “novos”.

À luz dessa descoberta, reconceituei o longo século XX como sendo composto de três fases: (1) a expansão financeira do fim do século XIX e início do século XX, no decorrer da qual as estruturas do “antigo” regime britânico foram destruídas e se criaram as do “novo” regime norte-americano; (2) a substancial expansão das décadas de 1950 e 1960, durante a qual o predomínio do “novo” regime, centrado nos Estados Unidos, traduziu-se numa expansão mundial do comércio e da produção; e (3) a atual expansão financeira, em cujo decurso as estruturas do já “antigo” regime norte-americano vêm sendo destruídas, com a criação — supõe-se — de um “novo” regime. O mais importante é que, no esquema interpretativo que deduzi de Braudel, o longo século XX configurou-se como o último de quatro séculos longos, estruturados de forma semelhante, cada qual constituindo uma etapa específica do desenvolvimento do moderno sistema capitalista mundial. Ficou claro para mim que uma análise comparativa desses sucessivos “séculos longos” poderia trazer mais revelações sobre a dinâmica e o provável desfecho futuro da crise atual do que uma análise aprofundada do longo século XX como tal.

Essa reformulação do estudo, na direção de um intervalo temporal muito mais alongado, resultou numa contração, para cerca de 1/3 do livro, do espaço tomado pela discussão específica do longo século XX. Mesmo assim, decidi manter o título original, para sublinhar a natureza estritamente instrumental de minhas incursões no passado. A única finalidade de reconstituir as expansões financeiras de séculos anteriores foi aprofundar nossa compreensão da atual expansão financeira como o momento conclusivo de um determinado estágio de desenvolvimento do sistema capitalista mundial — o estágio abrangido pelo longo século XX.

Essas incursões no passado levaram-me para o terreno traiçoeiro da análise histórica mundial. Comentando a *magnum opus* de Braudel, onde fui buscar inspiração, Charles Tilly sensatamente nos alertou para os perigos que aguardam aqueles que se aventuram nesse terreno:

Se a coerência é um espectro que atormenta mentes medíocres, Braudel não tem dificuldade para escapar desse demônio. Quando não nos atormenta com nossas demandas de coerência, Braudel ostenta... a indecisão. Em todo o segundo volume de *Civilisation matérielle*, ele começa repetidamente a abordar a relação entre capitalistas e homens de Estado e, em seguida, afasta-se desse rumo. (...) Precisamente por ser tão vasto o âmbito da conversa, uma segunda olhadela no conteúdo do terceiro volume nos deixa assombrados: os grandes temas do primeiro volume — população, alimentos, vestuário, tecnologia — desapareceram quase por completo! (...) E caberia esperar coisa diferente de

um homem com o temperamento de Braudel? Ele aborda um problema enumerando seus elementos, afagando suas ironias, contradições e complexidades, confrontando as várias teorias propostas pelos estudiosos e dando a cada uma delas seu valor histórico. A soma de todas as teorias, infelizmente, não é teoria alguma. (...) Se Braudel não conseguiu levar a cabo essa tarefa, quem poderia fazê-lo? Talvez outra pessoa consiga escrever uma “história completa”, que explique todo o desenvolvimento do capitalismo e a plena afirmação do sistema estatal europeu. Ao menos por enquanto, mais vale tratarmos o gigantesco ensaio de Braudel como fonte de inspiração, em vez de modelo de análise. Se não receber uma injeção de força de alguém como Braudel, uma nau tão imensa e complexa parece fadada a naufragar antes de atingir o porto de destino. (Tilly, 1984, p. 70-1, 73-4)

Tilly recomenda que lidemos com unidades de análise mais fáceis de manejar do que sistemas mundiais inteiros. As unidades mais manejáveis, que ele prefere, são os componentes de sistemas mundiais específicos, como as redes de coerção que se agrupam em Estados e as redes de troca que se agregam em modos de produção regionais. Comparando esses componentes de forma sistemática, talvez possamos “ordenar as explicações das estruturas e processos específicos de determinados sistemas mundiais, fazendo generalizações historicamente fundamentadas acerca desses sistemas mundiais” (Tilly, 1984, p. 63, 74).

Busquei neste livro outro caminho para enfrentar as dificuldades inerentes a qualquer explicação mais completa do desenvolvimento do capitalismo mundial e do moderno sistema interestatal. Em vez de saltar do navio da análise histórica mundial de Braudel, permaneci nele para fazer coisas que não eram típicas do temperamento intelectual do comandante, mas que estavam ao alcance de minha visão mais fraca e minhas pernas mais bambas. Deixei que Braudel singrasse os mares revoltos dos dados históricos mundiais e escolhi para mim a tarefa, mais modesta, de processar seu abundantíssimo suprimento de conjecturas e interpretações de modo a convertê-lo numa explicação econômica, coerente e plausível, da ascensão e plena expansão do sistema capitalista mundial.

A idéia braudeliana das expansões financeiras como fases finais dos grandes desenvolvimentos capitalistas me permitiu decompor a duração completa do sistema capitalista mundial (*a longue durée* de Braudel) em unidades de análise mais manejáveis, que chamei de ciclos sistêmicos de acumulação. Embora eu tenha escolhido seus nomes a partir de determinados componentes do sistema (Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos), os ciclos em si referem-se ao sistema como um todo, e não a seus componentes. Neste livro, comparam-se as estruturas e processos do sistema capitalista mundial como um todo, em diferentes etapas de seu desenvolvimento. Minha concentração nas estratégias e estruturas dos agentes governamentais e empresariais genoveses, holandeses, britânicos e norte-americanos deve-se exclusivamente à posição central que ocuparam, de forma sucessiva, na formação dessas etapas.

Trata-se de um foco muito restrito, reconheço. Como explico na Introdução, os ciclos sistêmicos de acumulação são processos ligados ao “alto comando” da economia capitalista mundial — o “verdadeiro lar do capitalismo”, segundo Braudel. Graças a esse foco restrito, pude acrescentar ao levantamento braudéliano do capitalismo mundial uma certa coerência lógica e um pouco mais de chão — os dois séculos que nos separam de 1800, ano em que Braudel terminou sua viagem. Mas o estreitamento do foco tem também um alto custo. A luta de classes e a polarização da economia mundial em centros e periferias — ambas as quais desempenharam um papel destacado em minha concepção original do longo século XX — desapareceram de cena quase por completo.

Muitos leitores ficarão intrigados ou até chocados com essas e outras omissões. Só posso dizer-lhes que a construção aqui exposta é apenas uma entre várias explicações igualmente válidas, embora não necessariamente dotadas de mesma pertinência, sobre o longo século XX. Em outro texto, expus uma interpretação do longo século XX que se concentra na luta de classes e nas relações centro-periferia (Arrighi, 1990b). Depois de havê-lo concluído, há muitas percepções novas que eu gostaria de *acrescentar* à interpretação anterior. No entanto, são poucas as coisas que eu *mudaria*. Em seu ângulo de visão particular, até onde posso ver, aquela explicação ainda se sustenta. Mas a explicação apresentada neste livro, como indica seu subtítulo, é a mais relevante para o entendimento da relação entre o dinheiro e o poder na formação de nossa época.

Para conduzir minha versão mais modesta da nau de Braudel aos portos longínquos do fim do século XX, tive que jurar manter-me fora dos debates e polêmicas que grassavam nas ilhas de conhecimento especializado que visitei e invadi. À semelhança de Arno Mayer (1981, p. X), “reconheço francamente ser um ardoroso ‘amontoador’ e construtor, e não um ‘fragmentador’ e demolidor”. E, tal como ele, tudo o que peço é “‘uma audiência paciente’, e que [o] livro seja ‘considerado e julgado como um *todo*’, e não apenas por suas partes distintas”.

A idéia de que eu devia escrever um livro sobre o longo século XX não foi minha, mas de Perry Anderson. Após uma discussão acalorada sobre um dos vários artigos extensos que eu escrevera tratando da crise econômica mundial da década de 1970, ele me convenceu, já em 1981, de que somente um livro completo seria o meio adequado ao tipo de interpretação que eu tinha em mente. A partir daí, ele manteve um olhar vigilante sobre minhas errâncias pelos séculos, sempre dando bons conselhos sobre o que fazer e o que não fazer.

Se Perry Anderson é o grande culpado por meu envolvimento neste projeto ultra-ambicioso, Immanuel Wallerstein é o grande culpado por eu o haver tornado ainda mais ambicioso do que era originalmente. Ao estender o horizonte temporal da investigação para abarcar a *longue durée* de Braudel, eu estava, na verdade, seguindo seus passos. Durante nosso trabalho cotidiano no Centro Fernand Braudel, tão perturbadora foi a insistência de Wallerstein em que as ten-

dências e conjunturas de meu longo século XX talvez refletissem estruturas e processos instaurados desde o século XVI, que fui levado a verificar a validade dessa afirmação. Ao verificá-la, vi coisas diferentes das que ele tinha visto, e até ao ver as mesmas coisas dei-lhes um tratamento e uma aplicação diferentes dos que ele lhes concedeu em *The Modern World-System*. Mas Wallerstein estava absolutamente certo ao insistir em que a *longue durée* do capitalismo histórico era o arcabouço temporal adequado para o tipo de construção que eu pretendia. Sem seu estímulo e provocação intelectuais, eu nem sequer teria pensado em escrever este livro da maneira como o fiz.

Entre a concepção de um livro como este e sua redação efetiva há um abismo que eu jamais teria transposto, não fosse a excepcional comunidade de alunos com quem tive a felicidade de trabalhar durante meus quinze anos em Binghamton. Com ou sem consciência disso, os membros dessa comunidade forneceram-me a maioria das perguntas e muitas das respostas que constituem a essência deste trabalho. Eles são, coletivamente, o gigante em cujos ombros viajei. E a eles, por direito, o livro é dedicado.

Como mentor do Programa de Graduação em Sociologia, Terence Hopkins foi largamente responsável por transformar Binghamton no único lugar onde eu poderia ter escrito este livro. Ele é também responsável por tudo o que há de valioso na metodologia que usei. Como a mais severa entre meus críticos e a mais vigorosa entre os que me apoiaram, Beverly Silver desempenhou um papel central na realização desta obra. Sem sua orientação intelectual, eu teria perdido o rumo; seu apoio moral, ter-me-ia contentado com muito menos do que acabei fazendo.

Uma versão anterior do capítulo 1 foi apresentada na Segunda Conferência da ESRC sobre Mudanças Estruturais no Ocidente, realizada no Emmanuel College, em Cambridge, em setembro de 1989, e posteriormente publicada em *Review* (verão de 1990) e reproduzida em Gill (1993). Algumas seções dos capítulos 2 e 3 foram apresentadas na Terceira Conferência da ESRC sobre o mesmo tema, realizada no Emmanuel College em setembro de 1990. A participação nessas duas conferências, bem como na anterior, realizada em setembro de 1988, acrescentou potência à minha nau num momento em que, de outro modo, ela poderia ter afundado. Sou muito grato a Fred Halliday e Michael Mann por me terem convidado para toda a série de conferências da ESRC, a John Hobson, por tê-las organizado com eficiência, e a todos os demais participantes, pelas discussões estimulantes que tivemos.

Perry Anderson, Gopal Balakrishnan, Robin Blackburn, Terence Hopkins, Resat Kasaba, Ravi Palat, Thomas Reifer, Beverly Silver e Immanuel Wallerstein leram e comentaram o manuscrito antes da rodada final de revisões. Suas diferentes especializações e perspectivas intelectuais ajudaram-me enormemente a consertar o que podia ser consertado nesta iniciativa arriscada. Thomas Reifer

também me ajudou numa verificação de última hora das referências bibliográficas e das citações. Com mais razão do que de hábito, assumo plena responsabilidade pelo que permaneceu não corrigido e não verificado.

Por fim, faço um agradecimento especial a meu filho Andrea. Quando iniciei este livro, ele estava prestes a ingressar na escola secundária. Na época em que redigi o texto final, havia concluído sua *tesi di laurea* em filosofia na Università Statale, em Milão. Durante todo o tempo, ele foi realmente o melhor dos filhos. Mas, à medida que este trabalho foi chegando ao fim, também se transformou num assessor editorial de valor inestimável. Se o livro tem algum público fora da área dos profissionais especializados em ciência histórica e social, é basicamente a ele que o devo.

GIOVANNI ARRIGHI

Março de 1994